

# internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

## Maduro se declara inocente e diz ter sido sequestrado

Audiência foi a primeira do processo judicial que pode levar um ano

/VENEZUELA

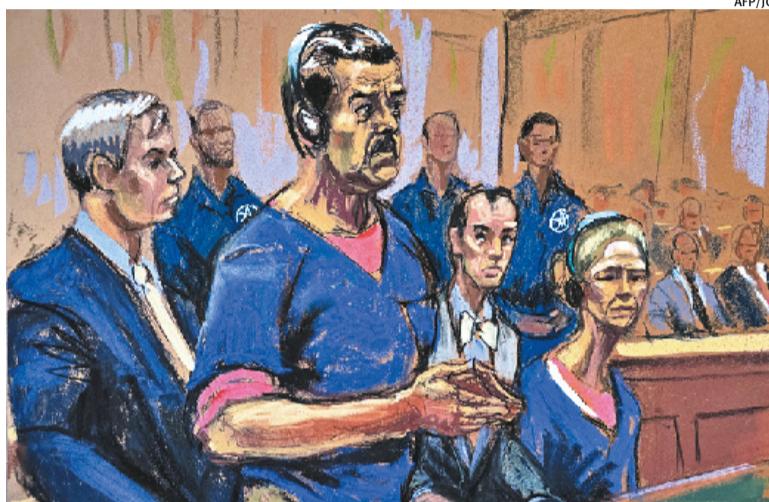
O julgamento de Nicolás Maduro, presidente deposto da Venezuela após ser capturado pelos Estados Unidos no fim de semana, ocorreu na tarde desta segunda-feira em um tribunal em Nova York.

Ao se identificar perante a corte, Maduro falou em espanhol que é o presidente da Venezuela e está ali sequestrado, além de se declarar inocente, como previsto. "Sou inocente. Não sou culpado. Sou um homem decente", afirmou Maduro. Ao começar a falar que havia sido capturado em sua casa, na Venezuela, o juiz Alvin Hellerstein, responsável pelo caso, interrompeu-o, afirmando que "haverá tempo e lugar para abordar tudo isso".

O juiz interrompeu Maduro cada vez que ele tentou falar: "Ainda sou o presidente de meu país". Cilia também se declarou "inocente, completamente inocente".

Questionado pelo magistrado, o promotor afirmou que Maduro foi detido pelas autoridades às 11h30min de 3 de janeiro de Nova York (13h30min no Brasil), sem citar a operação militar que resultou na captura do líder.

Maduro vai responder a acusações de crimes como narcoterrorismo, conspiração para importar cocaína e porte ilegal de armas. O prazo para o fim do julgamento é incerto, mas a imprensa nor-



Desenho mostra Nicolás Maduro diante da corte em Nova York

te-americana aponta que todo o processo pode demorar mais de um ano.

Manifestantes se reuniram em frente ao tribunal, no centro de Manhattan, tanto para protestar contra a invasão americana quanto para comemorar a prisão do ditador. Os dois grupos estavam separados por uma cerca.

Os promotores afirmam que Maduro é o chefe de um cartel de autoridades políticas e militares venezuelanas que conspiraram durante décadas com grupos de tráfico de drogas e organizações designadas pelos EUA como terroristas para traficar milhares de toneladas de cocaína.

O juiz Alvin K. Hellerstein determinou que o presidente venezuelano, Nicolás Maduro, volte a

comparecer a um tribunal federal dos Estados Unidos em 17 de março, ao encerrar uma audiência que durou cerca de meia hora.

Durante a sessão, o advogado de Maduro, Barry J. Pollack, afirmou que há "questões sobre a legalidade" da captura de seu cliente, classificada pela defesa como uma "abdução militar". Segundo Pollack, Maduro "é chefe de um Estado soberano e tem direito às prerrogativas" associadas a esse status. O advogado disse ainda esperar uma disputa judicial "volumosa" na fase prévia ao julgamento para tratar desses questionamentos. Embora não tenha solicitado a libertação do presidente neste momento, a defesa reservou o direito de apresentar um pedido de fiança mais adiante.

## Após ação dos EUA, quem está no núcleo que governa a Venezuela?

Após a captura de Nicolás Maduro pelos Estados Unidos no sábado, e a confirmação da vice-presidente, Delcy Rodríguez, como interina, membros do alto escalão do governo venezuelano mantêm, ao menos por ora, seus cargos.

Delcy tomou posse oficialmente ontem, e agora comanda o país junto a outros apoiadores de Maduro, que ocupam os principais cargos da administração da Venezuela há mais de uma década, como Diosdado Cabello, Vladimir Padrino e Jorge Rodríguez.

Após um primeiro pronunciamento em que pediu a libertação de Maduro e afirmou que a Venezuela não seria "colônia de nenhum império", Del-

cy convidou formalmente o governo norte-americano por meio de uma carta endereçada ao presidente Donald Trump a construir uma agenda conjunta voltada ao desenvolvimento compartilhado, "no marco da legalidade internacional".

O Secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, afirmou que os Estados Unidos trabalharão com as atuais lideranças da Venezuela se tomarem "as decisões corretas". Ele disse ainda que tropas americanas vão permanecer no Caribe para pressionar o governo interino. Os americanos têm ignorado a oposição: Para Trump, a líder María Corina Machado não teria apoio para governar.

### Quem é quem no governo da Venezuela

#### Delcy Rodríguez

- Presidente interina do país, vice de Maduro e ministra do Petróleo da Venezuela, Delcy tem interlocutores em Wall Street e na indústria petrolífera norte-americana;
- Fez uma longa trajetória política no chavismo: ocupou cargos técnicos no governo de Hugo Chávez, a partir de 2003, e várias posições no Executivo do governo Maduro;
- Fama de boa gestora convenceu a Casa Branca de que ela defenderia futuros investimentos americanos em energia no país;

#### Diosdado Cabello

- Ministro do Interior, Justiça e Paz do governo desde 2024, pasta que controla o serviço de inteligência;
- Político e militar, é considerado uma das figuras mais poderosas do

## Reunião na ONU evidencia divisões entre líderes e termina sem avanço

A primeira reunião do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (CSNU) de 2026, convocada em caráter extraordinário para debater o ataque dos Estados Unidos à Venezuela, terminou sem consenso. No encontro, convocado pela Colômbia, ficou evidente a divisão dos líderes globais sobre os acontecimentos do fim de semana que resultaram na queda do ditador Nicolás Maduro.

Órgão máximo de decisão, o CSNU é composto por 15 países, sendo cinco deles com assento permanente e dez com vagas rotativas. Os membros permanentes são China, Estados Unidos, França, Reino Unido e Rússia; todos têm poder de voto.

O Brasil, que solicitou participar da reunião, instou o Conselho a assumir sua responsabilidade em relação aos ataques dos EUA à Venezuela. Defendeu ainda que o órgão tem de reagir com "determinação, clareza e obediência ao direito internacional, a fim de impedir que a lei da força prevaleça sobre o Estado de Direito".

O representante permanente do Brasil na ONU, Sérgio Danese, afirmou que os bombardeios em território venezuelano e a captura de Maduro ultrapassam uma "linha inaceitável" e "abrem um precedente perigoso".

Em contraste, o embaixador dos Estados Unidos na ONU, Mike Waltz, rebateu as acusações de representantes da América Latina e disse que os EUA "não estão ocupando" a Venezuela. Em seu discurso, afirmou que a operação do último sábado foi uma "aplicação

da lei" diante de acusações legais que existem há décadas.

"O Presidente (Donald) Trump deu uma chance à diplomacia. Ele ofereceu a Maduro múltiplas ofertas. Ele tentou descalar. Maduro se recusou a aceitá-las", disse Waltz, acrescentando que os EUA acreditam que um "futuro melhor" para o povo da Venezuela e do mundo é "estabilizar a região".

Já o embaixador permanente da Venezuela na ONU, Samuel Moncada, disse que o ataque dos EUA foi uma flagrante violação à integridade territorial e independência política do país e que estabelece um "precedente extremamente perigoso" para os países membros da ONU, independentemente de tamanho, poder ou alianças. "O dia 3 de janeiro de 2026 é uma data de profunda importância histórica, não só para a Venezuela, mas para o sistema internacional. Nesse dia, na América, a Venezuela foi alvo de um ataque armado ilegítimo, sem qualquer justificativa legal, por parte do governo dos Estados Unidos", disse.

Por sua vez, representantes da Colômbia, Rússia e China condenaram novamente os ataques dos EUA à Venezuela, reforçando o seu apoio ao país e pedindo uma solução diplomática. A Rússia criticou os atos do EUA, apontando 'hipocrisia e cinismo'. A China acusou os americanos de sequestrarem Maduro e sua esposa e disse que está "profundamente chocada" com o ataque à Venezuela, reafirmando posicionamento divulgado no sábado.

2020) e prefeito de Caracas por nove anos;

- É descrito como um dos principais estrategistas e operadores políticos do chavismo, participando ao lado da irmã de negociações com a oposição e governos estrangeiros nos últimos anos;
- Foi chefe da campanha presidencial de Maduro nas eleições de 2024.

#### Vladimir Padrino

- Ministro da Defesa da Venezuela desde 2014 e comandante-chefe das forças armadas;
- O general é uma figura central no apoio das tropas ao regime, reforçando sua lealdade ao governo em crises políticas como a atual;
- Durante o breve golpe contra Chávez em 2002, comandava unidade que recusou apoiar o levante.